

Faltam veículos e gasolina

Cada um dos noventa veículos da frota da Divisão Regional da Secretaria de Saúde, em **Ribeirão Preto**, (que compreende 80 municípios, 10 distritos sanitários e 84 centros de saúde) precisaria no mínimo de 300 litros de gasolina por mês, mas o limite máximo é de 136. O diretor regional, **Salvador Liserre**, admite que "estão sendo tomadas providências para regularizar a situação", mas afirma que necessitaria de pelo menos mais duzentos funcionários, entre médicos, atendentes, motoristas, escriptorários e profissionais de outras áreas, inclusive um engenheiro sanitário. Em **Serra Azul** e **Santo Antonio da Alegria**, o atendimento é feito por médicos de outras cidades, que viajam diariamente de segunda a sexta-feira, dando consultas exclusivamente à tarde. O transporte de doentes, para hospitais da região, é pago sempre pelas Prefeituras.

Na região de **Presidente Prudente**, a distribuição do leite em pó às famílias carentes não é regular e, quando os estoques terminam, há muita demora na reposição. O "Gestal" não vem sendo recebido desde o final de janeiro e ignora-se quando voltará a ser fornecido às gestantes. O prédio do posto de saúde de **Narandiba** ameaça desabar e está sem equipamentos. O seu gabinete dentário permanece ocioso e o médico atende só uma vez por semana, porque mora em **Presidente Prudente**, e dos três funcionários, um pertence aos quadros do município.

A imprensa de **S. José do Rio Preto** denunciou que no centro de saúde local não havia papel higiênico, nem sabonetes e toalhas e a explicação oficial consistiu em justificar que "as pessoas não sabem usar os sanitários e levam tudo o que encontram neles".

Denir Zamariolli, diretor do Departamento Regional de Saúde de **Campinas**, que tem sob sua jurisdição 117 unidades sanitárias em 83 municípios, é

franco em dizer que, "além da falta de funcionários, o seu orçamento está defasado". Não há visitantes domiciliares para verificar as condições das moradias e fazer investigações epidemiológicas. As vagas são muitas, abertas pelos que se aposentam, abandonam o serviço, morrem ou pedem demissão. Quando algum sai de férias, não há quem o substitua, e todos os setores, já normalmente problemáticos, se sobrecarregam. A região de **Campinas**, no corrente exercício, vai despendar aproximadamente Cr\$ 470 milhões, mas, em consequência da inflação, as verbas poderão terminar pouco depois do terceiro trimestre. No final de 1980, os telefones do Departamento Regional de Saúde de **Campinas** foram desligados, por falta de pagamento, durante cinco dias e só voltaram a funcionar depois que a Secretaria da Fazenda saldou a conta. Uma das formas de suprir o que o Estado não faz tem sido a celebração de convênios com as prefeituras. Os municípios alugam prédios e contratam funcionários, cabendo à Secretaria da Saúde "ajudar como pode, com vacinas, remédios e suplementação alimentar".

Equipes de **S. José do Rio Preto** promoveram, em dezembro último, a limpeza dos reservatórios de água das escolas e repartições públicas na área central da cidade. Em mais de setenta por cento das calças foram encontrados insetos e ratos mortos.

O centro de saúde de **Ubatuba** foi desalojado de sua antiga sede, na **Praça 13 de Maio**, que não permitia condições de trabalho e todo o material ficou depositado nos galpões da **Sudelpa**. Atualmente, apenas há entrega de leite em pó para os lactentes e a complementação alimentar destinada às gestantes, mas tudo sem nenhuma orientação e acompanhamento médico. As vacinas estão a cargo da **Asel** (Ação Social Estrela do Litoral).

Levantamento da rede de sucursais e correspondentes com texto final de Mário L. Erbolato, da Sucursal de Campinas
